

## MEMÓRIAS, ENCONTROS, AFETOS E PERSPECTIVAS DO SUL NOS 25 ANOS DA SBEnBio

### MEMORIES, MEETINGS, AFFECTS AND PERSPECTIVES FROM SOUTH IN THE 25 YEARS OF SBEnBio

### MEMORIAS, ENCUESTROS, AFECTOS Y PERSPECTIVAS DEL SUR EN LOS 25 AÑOS DE SBEnBio

*Maria Cristina Pansera de Araújo<sup>1</sup>; Adriana Mohr<sup>2</sup>; Christiane Gioppo Marques da Cruz<sup>3</sup>*

#### Resumo

Este texto apresenta memórias de três professoras, que estiveram presentes na Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) desde sua fundação. Os relatos vindos dos três estados meridionais, os quais compõem a Regional Sul da SBEnBio, incluem histórias pessoais que se entrelaçam com a SBEnBio, vivências em encontros precursores da Associação e em eventos realizados após a fundação, como participantes e organizadoras. Também estão presentes testemunhos, relatos e comentários de como foi instalar, organizar e manter a Diretoria Regional Sul da SBEnBio nestes últimos 25 anos. Na seção final, são elencados algumas perspectivas e desafios para a Associação e para a área de ensino de Biologia e de Ciências.

**Palavras-chave:** Associação Brasileira de Ensino de Biologia; Formação inicial; Formação continuada; Histórias de Vida; Ensino de Biologia.

#### Abstract

This paper presents memoirs of three faculty members involved with the SBEnBio since its foundation. Narratives were told from the viewpoint of the three states that includes the Southern section of SBEnBio, personal stories that are intertwined with the association, experiences with other meetings before the association existence and in meetings held after its foundation, either as participants or organizers. There are also testimonies, stories, and comments on how it was to install, organize and maintain SBEnBio's Southern Regional Board over the last 25 years. In the final section we list some perspectives and challenges for the Association and for the teaching area of Biology and Science.

**Keywords:** Brazilian Association for Biology Education; Teacher Education; Professional Development; Life Histories; Biology Education.

---

<sup>1</sup> Doutora em Genética e Biologia Molecular - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS - Brasil. Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências e do departamento de Ciências da Vida da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Ijuí, RS - Brasil. **E-mail:** [pansera95@gmail.com](mailto:pansera95@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação - Ensino de ciências naturais - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC - Brasil. Doutorado-sanduiche - Université de Rouen e no Institut National de Recherche Pédagogique, França. Professora titular - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, SC – Brasil. **E-mail:** [adriana.mohr.ufsc@gmail.com](mailto:adriana.mohr.ufsc@gmail.com)

<sup>3</sup> Ph.D em Science Education - North Carolina State University Raleigh, North Carolina, EUA. Professora Associada Emérita - Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, PR – Brasil. **E-mail:** [cgioppo@yahoo.com](mailto:cgioppo@yahoo.com)



## Resumen

Este texto presenta las memorias de tres docentes, presentes en la Asociación Brasileña de Enseñanza de Biología (SBEnBio) desde su fundación. Los relatos de los tres estados del sur que componen la Regional Sur de SBEnBio incluyen historias personales que se entrelazan con la asociación, experiencias en encuentros precursores de la asociación y en eventos posteriores a la fundación, como participantes y organizadores. También hay testimonios, informes y comentarios sobre cómo fue instalar, organizar y mantener la Junta Regional Sur de SBEnBio en los últimos 25 años. En la sección final, se enumeran algunas perspectivas y desafíos para la asociación y para el área de enseñanza de Biología y Ciencias.

**Palabras clave:** Asociación Brasileña de Enseñanza de Biología; Formación inicial; Formación continua; Historias de Vida; Enseñanza de Biología.

\*\*\*

## 1 Introdução

A comemoração dos 25 anos da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio), constituída por seis regionais<sup>4</sup> presentes em todo o Brasil, representa um momento ímpar. Para celebrar a ocasião, fomos convidadas, na condição de associadas, fundadoras e encarregadas da organização da Regional Sul (ou 3, que engloba os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), a escrever sobre a Associação. Tal escrita exigiu rememorar acontecimentos, evocar lembranças e revisitar nossas histórias de vida que se entrelaçam em algum lugar do passado no surgimento da SBEnBio. Optamos por narrar e refletir sobre diversos momentos que marcaram nossas vidas e pesquisas no Ensino de Biologia. Essa memorabilia, repleta de afetos, histórias e encontros, aflorou em um turbilhão, que revelou aprendizagens pessoais e profissionais ocorridas na apresentação e discussão de pesquisas, bem como em experiências vividas e compartilhadas nos diversos eventos nacionais e regionais da SBEnBio nos quais participamos.

O texto foi tecido a partir dessas memórias e histórias de vida: trajetórias pessoais de formação que nos levaram ao Ensino de Biologia e alguns aspectos de nossa atuação na vida coletiva da Associação. São histórias-fios que contribuíram e contribuem para a constituição e existência da importante e linda teia SBEnBio, na qual um dos nós é a Regional Sul. Três fios, dentre muitos outros, de sujeitos/associados preocupados com o Ensino de Biologia, cada qual com suas experiências e formação pessoal. São associadas e associados que interagem com seus pares próximos, frequentemente, em eventos, reuniões e publicações, ou nas instituições de origem. A Regional Sul é um desses pontos de encontro, para os quais os fios convergem, se consolidam e fortificam a teia, amarrando diversas histórias, os nós. Abordamos, ainda, memórias do fabrico de um destes nós e de como concebemos a própria teia.

O artigo é composto por cinco seções. Esta introdução, coletiva, é seguida por três memórias autorais, nas quais cada autora é um fio e contou livremente suas lembranças sobre os tempos de faculdade, da pós-graduação, dos Encontros Perspectiva do Ensino de Biologia (EPEBs) na Universidade de São Paulo e o nosso introito por ali. Figuram, nos relatos, a fundação da SBEnBio,

---

<sup>4</sup><https://www.sbenbio.org.br/sobre/>



as batalhas para conceber e consolidar a Regional Sul e, ainda, executar de forma artesanal os eventos de nossa região: os Encontros Regionais de Ensino de Biologia-Sul (ERE BIO-Sul). Essa longa, gostosa e intensa experiência nos encoraja a apontar algumas perspectivas e desafios para os próximos anos, apresentados na quinta seção, escrita em coletivo.

## 2 As recordações de Maria Cristina, desde o Rio Grande do Sul

Apresento-me como professora licenciada em Ciências Biológicas, em 1978, na Unisinos, o que acabou conectando-me ao ensino de Biologia, numa típica formação inicial, que repercutiu os conhecimentos e aprendizagens da Graduação, na formação continuada. Iniciei minha Graduação, na Unisinos, em 1974, em uma base curricular de História Natural, que marcava a área, no cenário nacional e internacional. Vivências práticas, na universidade, em laboratórios de ensino e pesquisa de vários investigadores renomados, foram disponibilizadas, ao longo dos semestres, para estagiar, aprender técnicas específicas e ampliar os conhecimentos, desde a sala de aula. Foram realizados, também, diversos *trabalhos de campo* em parques nacionais, afloramentos geológicos e no litoral, onde estudamos o ambiente e os seres vivos que nele habitam.

O currículo de História Natural abrangia uma diversidade temática, que impôs um método de estudo para compreensão e articulação da complexidade de conhecimentos em interação, visto que eu frequentava dez disciplinas por semestre, nos períodos vespertino e noturno, ao longo de cinco anos. Chamo a atenção para este o currículo, que foi a base dos meus estudos, pois durante a Graduação foi publicado um decreto que impunha a efetivação da Licenciatura de curta duração em Ciências Naturais e Plena em Ciências Biológicas da Natureza, proposta na LDB 5692/71 (BRASIL, 1971). A Unisinos ajustou, dessa forma, o currículo vigente na instituição aos termos da lei, permitindo aos estudantes concluintes do curso a validação dos conhecimentos efetivados até então, com a inserção de componentes curriculares que estivessem faltando.

Por conseguinte, em 1978, recebi o diploma de licenciada em Ciências Biológicas, com sólida formação em Biologia e pressupostos da docência. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 extinguiu os cursos de licenciatura de curta duração, previstos na Lei 5.692, de 1971 (BRASIL, 1994). Em 1979, comecei o Mestrado em Genética e Biologia Molecular, na UFRGS, concluído em dezembro de 1981.



Em julho de 1982, como recém-mestra, fui contratada pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Fidene), localizada em Ijuí (RS), que iniciava um processo de organização acadêmica para pleitear a transformação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI) em universidade, com a inserção, em seu quadro funcional, de professores mestres de diversas áreas do conhecimento. Em 1984, a Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí) foi reconhecida e regulamentada como tal.

A graduação e a pós-graduação *Stricto sensu* propiciaram reflexões sobre a atuação profissional, no ensino e na pesquisa. Inseri-me na discussão institucional da Fidene para a organização dos documentos referentes ao planejamento e execução de atividades, com vistas ao reconhecimento como universidade, além de constituir o grupo de professores de Ciências e Matemática. As interações produzidas ampliaram sobremaneira meus conhecimentos profissionais.

No final de 1982, os professores de Biologia, Física, Química e Matemática da Fidene foram convidados a participar do Subprograma Melhoria do Ensino de Ciências e Matemática (SPEC), organizado pelo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), com apoio financeiro do Banco Mundial. O subprograma visava articular os formadores de licenciandos da área para estudos na efetivação de um ensino de qualidade, na interação universidade e escola. Um dos objetivos do SPEC era dar início aos trabalhos com os professores em atuação na escola, reunindo-os semanalmente para estudos e elaboração de material didático e, ao mesmo tempo, inserir os licenciandos nas discussões com os professores da escola, uma vez que muitas das dificuldades identificadas por eles tiveram ressonância imediata nas disciplinas ministradas na licenciatura.

As reuniões e eventos com pesquisadores de Ensino de Ciências, Biologia, Física e Química de todo o Brasil, constituídas a partir do SPEC, aconteceram em diversas regiões do Brasil, predominantemente, na Sudeste, entre o eixo Rio de Janeiro e São Paulo, mas com eventos que se distribuíram também pela Região Sul: no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e até na Região Centro-Oeste, em Brasília.

Dentre os diversos eventos que ocorreram naquele período, o Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia (EPEB), iniciado em 1984, na Faculdade de Educação da USP, constituiu referência na área. Em 1988, no III EPEB, iniciei minhas participações, integrando-me ao grupo de professores de Biologia da Educação Básica e Superior e de pesquisadores do Ensino de Biologia, que se ampliava, no estabelecimento de uma base sólida de conhecimentos sobre a temática.

Eram encontros de estudos, de apresentação de pesquisas e relatos de atividades realizadas em sala de aula, de interlocução com pesquisadores, de amizades e discussões sobre a realidade social e a cultura anedótica de cada região brasileira. Aprendemos sobre a diversidade local, regional e nacional, em diálogos preciosos com investigadores brasileiros e estrangeiros, que problematizavam desigualdades, apontavam possibilidades de integração e alertavam para a necessidade de um olhar mais criterioso das instituições de ensino, no que se refere ao acolhimento da comunidade para o acesso ao conhecimento científico de maneira crítica.



A microrregião Noroeste do Rio Grande do Sul, a cada edição do evento, coordenava a participação de pelo menos 35 delegados (licenciandas, licenciandos e professores da educação básica e superior), que se deslocavam para São Paulo em um ônibus locado para a viagem, a qual durava cerca de 20h, atravessando o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Para muitos estudantes, foi uma enorme aventura, pois nunca haviam saído daquela microrregião. Viajar e conhecer as estradas, as cidades e participar do evento constituíram processos formativos extremamente importantes. Além disso, tínhamos alojamento (a preços módicos), disponibilizados no estádio da Educação Física da USP, por intermédio do professor Nélio Bizzo. As acomodações eram em quartos com 15 beliches e banheiros separados para "meninas e meninos". É uma experiência sempre lembrada por quem teve a oportunidade de participar das viagens, dos estudos no evento e dos diálogos intensos por todo o trajeto, com momentos que permitiram muitas interlocuções e conhecimentos a cada um e a todos que vivenciaram essa história.

Aqueles estudantes e muitos outros integrantes das viagens para os EPEBS concluíram a Graduação, prestaram concurso para o magistério público municipal e estadual, e foram efetivados para ensinar Ciências e Biologia nas escolas. Outros cursaram Especialização, Mestrado e Doutorado, e atualmente atuam em escolas de Educação Básica, em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia ou em Instituições de Educação Superior (faculdades, centros universitários e universidades). Hoje, ao organizarmos e participarmos de eventos regionais, nacionais ou internacionais, encontramos vários egressos da Unijuí, que se graduaram na época do SPEC e que tiveram a oportunidade de vivenciar uma formação ampliada.

Em um deles, Adriana, Christiane e eu fomos apresentadas pela Vivian Leyser, uma amiga em comum. A partir daquele momento, construímos uma amizade intelectual e afetiva, que nos mantém conectadas. Tal conexão foi significativa na constituição da Regional Sul da SBEnBio e nos desdobramentos decorrentes da organização de eventos, projetos, bancas de Mestrado e Doutorado. Uma parceria que foi gradualmente se fortalecendo e que se constitui em possibilidades de articulação, escritas e registros das experiências e histórias vividas. Essas interações permitiram desenvolver, entre nós, confiança e companheirismo, e sabemos que podemos contar com o empenho de cada uma na articulação, na promoção e no acolhimento de novos sócios.

À medida que os EPEBs iam acontecendo, um grupo de pesquisadores e professores, preocupados com o Ensino de Biologia, sentiu a necessidade de constituir uma associação. No VI EPEB, em 1997, um grupo de 40 pessoas, entre licenciandas e licenciandos e professores da Educação Básica e Superior da microrregião Noroeste do RS, participou da assembleia de fundação da SBEnBio, ocasião memorável que ampliou as oportunidades de estudos sobre o Ensino de Biologia.



## 2.1 A Regional Sul da SBEnBio

A organização da SBEnBio em seis regionais propicia a aproximação e a inserção de professores da Educação Básica e Superior e pesquisadores, que concentram seus estudos no Ensino de Biologia.

A primeira diretoria da SBEnBio Regional Sul contou com a seguinte nominata: presidente – Vivian Leyser (SC); vice-presidente – Christiane Gioppo (PR); tesoureira – Maria Cristina Pansera de Araújo (RS); e, secretária – Maria Cristina Schlichting (PR). No *site* da SBEnBio<sup>5</sup>, é possível acessar a nominata das diretorias, desde 1999, quando foi instituída a primeira delas, de modo provisório.

É importante ressaltar que as atividades da Regional Sul da SBEnBio foram efetivadas, porque assumimos a Associação com “unhas e dentes”, e estivemos sempre disponíveis para fazer com que esta fosse reconhecida e expandida. Associar professores e interessados no Ensino de Biologia foi uma tarefa enorme, visto que nos eventos conseguimos incrementar o número de sócios, mas, como a comunicação com estes era extremamente artesanal, realizada sempre por carta ou telefone fixo, isso dificultava muito uma relação mais sistemática e frequente.

Um dos pontos altos da organização da Regional Sul foi a interação entre os sócios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná: acordamos que, na constituição da Diretoria e do Conselho da Regional, haveria sempre a representação de membros dos três Estados, o que foi cumprido ao longo do tempo. Isso propiciou o melhor acolhimento de novos sócios e o reconhecimento e participação dos demais. Não é possível pensar nessa regional sem reconhecer essa composição tripartite dos Estados componentes e os integrantes de cada Estado.

Em 2005, iniciamos a organização dos EREBIOS Sul, de maneira alternada nos três Estados, sendo o primeiro realizado em Curitiba (PR). A periodicidade prevista para a realização dos eventos era de dois anos, mas nem sempre foi possível cumprir o estipulado, visto que, mesmo acontecendo em Estados diferentes, muitas vezes, as condições objetivas de cada lugar não se concretizavam a contento, pois dependiam de algum sócio e de sua respectiva instituição de origem estarem dispostos a sediar o Erebio Sul.

Para viabilizar os EREBIOS, optamos por realizá-los sempre em simultaneidade com outros eventos (internos à instituição, ou não), como seminários, conferências, congressos e semanas acadêmicas, entre outros, tudo em conformidade com as características e possibilidades das instituições parceiras. No período de 2005 a 2019, foram realizadas nove edições, com foco nos desafios das pesquisas sobre formação inicial e continuada de professores de Biologia, desde os

---

<sup>5</sup><https://www.sbenbio3.ufsc.br/>





saberes e práticas docentes, em diálogos interdisciplinares, culturais, sociais, científicos e tecnológicos, que respeitam a diversidade da Região Sul e do país.

Na realização dos eventos EREBIO Sul<sup>6</sup>, produzimos encontros com colegas considerados referências importantes na pesquisa em Ensino de Biologia e Ciências, em nível regional, nacional e internacional, constituindo momentos singulares, os quais permitiram a elaboração conjunta de projetos de pesquisa, de livros e parcerias em processos avaliativos, enfim, diálogos acadêmicos e afetivos com muita inspiração para seguir solidificando e ampliando a participação da SBEnBio na comunidade de professores da Educação Básica e Superior, bem como na sociedade em geral.

## 2.2 Sobre os EREBIOs Sul

Aproveito para mencionar algumas das minhas lembranças dos EREBIOs Sul, chamando a atenção para o fato de que não participei apenas do primeiro deles

Em 2008, fui coordenadora do III Erebio Sul (8 a 10 de outubro de 2008), em Ijuí, que ocorreu conjuntamente com o VIII Encontro de Investigação na Escola da Rede Investigação na Escola (RIE), e que teve como tema *A Biologia na Região Sul: Diálogo de Saberes na Formação de Professores*. Foi um momento que reafirmou o papel da Associação, no diálogo com grandes profissionais, que se deslocaram para o Noroeste do Rio Grande do Sul, numa atitude de cooperação interinstitucional, que integra uma comunidade em interlocução. A articulação e cooperação das instituições próximas de Ijuí (Universidade Regional Integrada – URI *Campus* Santo Ângelo e Secretaria Municipal de Educação – SMED de Giruá), além dos diálogos com a UFPR e a UFSC, propiciaram o planejamento do evento de modo a garantir a presença de investigadores renomados na área. A SMED de Giruá (RS) incentivou a participação de vários professores da rede pública do município. Duas agências de fomento, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), apoiaram os eventos.

Neste evento, foi produzida a Carta das Missões (SBENBIO-SUL, 2008), que problematiza questões para o planejamento de outros eventos, com recomendações e encaminhamentos importantes para os próximos organizadores, e fornece pistas para o desenvolvimento de políticas públicas na área do Ensino de Biologia. As principais recomendações foram: 1. A programação dos eventos deve prever tempo para estimular interações e discussões tanto em plenárias, quanto em sessões de comunicação; 2. Manter a preocupação e envidar esforços para a participação de professores da Educação Básica e Superior, bem como de estudantes de Graduação e Pós-Graduação no evento; 3. A participação dos professores da Educação Básica deve merecer especial atenção dos organizadores e gestores das secretarias de educação (convite, dispensa de atividades em sala, etc.); 4. Realização de mesa-redonda com coordenadores dos cursos de Graduação em Ciências Biológicas; 5. Utilização

---

<sup>6</sup><https://www.sbenbio3.ufsc.br/>

de vídeo-conferências com palestrantes, evitando custos de deslocamento e possibilitando sua participação; 6. Eventos da área de Ensino de Biologia devem prever, com antecedência e exclusividade de horário, espaços para reunião da Regional da SBEnBio; 7. Comissões de Ética em Pesquisa com Seres Humanos precisam rever procedimentos burocráticos relativos à autorização para pesquisa na área de educação e Ensino de Biologia; 8. Na elaboração de políticas públicas na área educacional e na de Ensino de Ciências e Biologia, é fundamental que pesquisadores dedicados à área do Ensino façam-se presentes e sejam convidados a participar pelos gestores responsáveis (nível municipal, estadual ou federal).

Ao revisar as atas daquele evento e seu papel na história da Associação, foi possível perceber que muitas das recomendações expressas na Carta das Missões (SBENBIO-SUL, 2008) foram adotadas no delineamento e realização dos encontros subsequentes. As histórias, os diálogos e as interações proporcionaram a construção de uma identidade da Regional Sul da SBEnBio, já sistematizada na referida carta. Nem sempre elaboramos documentos similares, ao final dos encontros, mas definimos um espaço para a discussão de temas urgentes das políticas públicas e institucionais, que afetam o ensino de Biologia, a formação de professores e a atuação nos espaços não formais.

O IV EREBIO Sul, coordenado pela professora Ione Inês Pinsson Slongo, aconteceu em concomitância ao V Encontro Regional sobre o Ensino de Ciências e Biologia, entre os dias 17 e 19/5/2010, na Unochapecó, em Chapecó/SC, com o tema *Pesquisa e Formação de professores: desafios atuais*. Foram dias marcados por muita chuva, o que não impediu a participação de um número relevante de professores da Educação Básica e estudantes de graduação e pós-graduação, porém, dificultou a chegada de alguns palestrantes ao aeroporto de Chapecó, fato que exigiu a mobilização dos organizadores para criar outras possibilidades de continuidade do evento, sem prejuízo à proposta inicial. Nesse sentido, a parceria colaborativa estabelecida garantiu a qualidade do evento.

As experiências relatadas, na discussão dos trabalhos ou nas conferências, permitiram outros olhares à formação docente, bem como o contato com autores ainda pouco estudados, gerando diálogos e outras compreensões do processo formativo.

Outro evento marcante foi o V EREBIO Sul, com o tema *Os Desafios da Ciência Entremeando Culturas*, que ocorreu em simultaneidade com o IV Encontro Latino-Americano do Icase, em Londrina/PR, entre os dias 18 e 21/9/2011, coordenado pela professora Vera Lucia Bahl de Oliveira, da UEL, que foi incansável para garantir a concretização do evento. Mantendo a tradição, 2 ônibus saíram do RS com 35 delegados cada – um da Unijuí e outro da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) –, e seguiram em caravana, o que proporcionou encontros e maior interação entre os dois grupos. No evento, esses delegados apresentaram vários trabalhos, palestras e mesas redondas, em uma interlocução diferenciada com pesquisadores nacionais e internacionais.





O VI EREBIO Sul foi realizado em conjunto com a XVI Semana Acadêmica de Ciências Biológicas, na Universidade Regional Integrada (URI), no *Campus* Santo Ângelo, no período de 22 a 24/5/2013, sob a coordenação da professora Neusa John Scheid, com o tema *A docência em biologia: da formação inicial à formação continuada tecendo a CTSA*. O evento contou com a participação dos professores Marco Barzano (presidente Nacional da SBEnBio) e Marsílio Gonçalves Pereira da diretoria da Regional Nordeste, bem como da professora Graça Simões de Carvalho, da Universidade do Minho, Portugal, propiciando um elevado nível de discussão acadêmica sobre o Ensino de Biologia e de Ciências. Além disso, tivemos a apresentação de relatos de experiências e produção de atividades por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), provenientes de vários municípios da Região Sul e de outros Estados do Brasil.

Em Criciúma, o VII EREBIO Sul foi promovido simultaneamente com a Semana Acadêmica de Ciências Biológicas, entre os dias 8 a 10/9/2015, pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc – *Campus* Criciúma), sob a coordenação da professora Maristela Gonçalves Giassi. Naquele evento, professores da Unijuí apresentaram trabalhos e participaram de várias oficinas. Novamente, foram dois ônibus lotados, com licenciandos e professores da Educação Básica e Superior – um da Unijuí e outro da Universidade Federal de Fronteira Sul (UFFS). Os licenciandos, bolsistas Pibid, e alguns professores da educação básica participaram do evento com a apresentação de trabalhos, ofertas de minicursos e assistência em oficinas, o que propiciou a divulgação de vivências desde a região Noroeste do Rio Grande do Sul. Todos ficaram encantados com os espaços institucionais e o Museu da Unesc. Foram momentos importantes para as duas instituições (Unijuí e UFFS), constatados pelos resultados da formação em Ciências, por meio das práticas, dos estágios e da investigação-formação-ação docente. O evento contou também com palestrantes da Bahia e do Rio de Janeiro, o que propiciou novos entendimentos e interlocuções entre grupos de pesquisadores.

O VIII EREBIO Sul foi promovido com o VI ENEBIO, no período de 3 a 6/10/2016, sob a coordenação da professora Ana Lúcia Olivo Rosas Moreira (UEM-PR), do professor Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior (UEM-PR), membros da Regional Sul e de Ana Ayres, presidente da Nacional, e teve como tema *Políticas Públicas Educacionais – Impactos e Propostas ao Ensino de Biologia*. Naquele evento, as discussões sobre sexualidade, diversidade, gênero e minorias evidenciaram a complexidade do Ensino de Biologia em outro patamar de abordagens e aprendizagens. A interação universidade-escola, representada pelo Pibid, motivou a participação de licenciandos e licenciandas em atividades na escola, bem como dos professores da Educação Básica, ampliando as possibilidades de estudos e investigações. Foi uma articulação importante, que trouxe o Enebio para o interior do Paraná.

Em Santa Maria (RS), aconteceu o IX EREBIO Sul entre os dias 15 e 17/10/2019), sob a coordenação de Thais Scotti do Canto-Dorow, do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e de Luiz Caldeira de Tolentino Neto, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em uma parceria que proporcionou o reconhecimento da relevância das pesquisas realizadas pelas instituições comunitárias e públicas. O tema geral do evento foi: *Vidas em Re-união: biologia em todos os sentidos*. A Unijuí e a UFFS organizaram, novamente, o deslocamento de um grupo de licenciandos para participar do evento, mantendo a tradição de propiciar outras interlocuções e acesso às pesquisas.



O evento promoveu a integração entre a universidade privada e a federal, superando as dificuldades em promover um evento no interior do RS, com ênfase nos temas emergentes como Biodiversidade, Políticas Públicas, Base Nacional Curricular Comum, Gênero e Minorias, entre outros. As investigações apresentadas pelos palestrantes e pelos delegados do evento trouxeram outras compreensões sobre biologia, como vidas diversas em re-união.

### 3 Espiando na caixinha de recordações: algumas histórias da Adriana

Depois de um breve flerte com o campo da Veterinária, a Biologia tornou-se uma paixão que me conduziu a esta formação. Estávamos no início do ano de 1981, e subir como graduanda as escadas do imponente prédio do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, era uma emoção da qual me lembro e desfruto até hoje. Daquele prédio, hoje quase centenário, a outro quase bicentenário, na Praia Vermelha, na Urca, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foram muitas aprendizagens e vivências que constituíram a professora que hoje sou. Algumas histórias de meu trajeto Porto Alegre – Rio de Janeiro – Florianópolis foram narradas no *Memorial de Atividades Acadêmicas* (MOHR, 2019), que tive a oportunidade de elaborar e apresentar perante uma banca na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), minha casa acadêmica já há mais de 20 anos. Para o presente texto, destaco algumas outras, especialmente aquelas que se relacionam com nossa vida coletiva na Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio): uma comunidade profissional da docência e da pesquisa no ensino de Ciências e de Biologia.

A primeira delas que gostaria de apontar, para além de escadas e pátios, me remete exatamente ao gregarismo profissional. É uma lembrança muito antiga, sem origem sabida, de valorizar e desejar pertencer a uma “sociedade<sup>7</sup> científica”. Desde sempre, para mim, a atividade de investigação e de pesquisa esteve associada ao pertencimento a uma instituição onde colegas se encontram em eventos, comunicam, aprendem e se fortalecem. A Sociedade Brasileira de Zoologia, área na qual fiz minha iniciação científica, foi a primeira instituição a qual me associei, ainda no segundo ano de faculdade; depois vieram os encontros da SBPC e minha filiação a esta. Quando abracei, de fato e de coração, o curso de Licenciatura e o ensino como atividade profissional, em 1987, a SBEnBio ainda não havia nascido, mas estava sendo gestada nos EPEBs, os quais comecei a frequentar regularmente a partir do terceiro evento, em 1988. Quando o e-mail ainda era novidade pouco difundida e utilizada, ou ver imagens à distância significava assistir televisão, os EPEBs eram oportunidade de encontrar colegas de ensino e de pesquisa de outros locais com os quais falávamos, quando muito, por meio de cartas impressas. E como aprendíamos! Foi ali, em 1988, que pela primeira vez ouvi conjugar questões raciais com o ensino de Biologia, em uma excelente conferência de Jerry Dávila<sup>8</sup>. Também foi no

---

<sup>7</sup> Até 2002 existia a figura jurídica de uma ‘sociedade’ científica. Com a entrada em vigência do novo código civil, a designação ‘sociedade’ ficou reservada a instituições comerciais e a palavra que a substituiu foi ‘associação’. Algumas associações atuais guardam na sigla o antigo ‘S’, como a própria SBEnBio. A SBPC manteve o ‘sociedade’ tanto na sigla quanto no nome - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Da mesma forma alterou-se a designação das pessoas que as compõem: de pessoas sócias, para associadas.

<sup>8</sup> [http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000300011&script=sci\\_arttext](http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782007000300011&script=sci_arttext)

palco de um dos EPEB, o de 2004, que participei de acalorada discussão com colega queridíssima sobre pertinência e perigos, à época novíssima e enigmática, da Prática como Componente Curricular ser desenvolvida por todos docentes de um curso de licenciatura em ciências biológicas.

Naquele final de julho de 1997, entretanto, não pude ir ao EPEB, pois estava arrumando as malas para um período de doutorado sanduíche que se estendeu até julho de 1998. Não participar da fundação da SBEnBio, em julho, e da ABRAPEC, em novembro daquele mesmo ano, foram os dois únicos desgostos daquele tão desejado período de estudos no exterior, visto que a Capes pagou regularmente a bolsa mensal (o que até então não era prática corrente). Durante o período no exterior, a querida colega sbenbiana Vivian Leyser manteve-me informada dos primeiros passos das duas associações e, no regresso, carinhosamente recrutou-me para auxiliá-la nos trabalhos da equipe composta por Maria Cristina Pansera de Araújo, Christiane Gioppo e Maria Cristina Schlichting, que empreendiam a construção e a organização da Regional Sul. Foi um trabalho artesanal de correspondências impressas despachadas via correio (o e-mail requeria conexão telefônica discada e cara, disponível em apenas poucos computadores, geralmente institucionais), pagamentos de anuidades via cheques em envelopes (*sites* e aplicativos bancários ainda eram ficção científica), e os encontros com os colegas eram ansiosamente aguardados, a cada ano, nos eventos nacionais (ENE BIO) e regionais (ERE BIO), uma vez que a interação – ainda, e felizmente – não era preponderantemente virtual, por meio das redes e de uma tela.

Do trabalho de organização da Regional Sul, gostaria de lembrar aqui, um pouco da rotina e do que foi desenvolvido, no início dos anos 2000. Um dos fortes alicerces da SBEnBio é a descentralização, na qual uma Diretoria Nacional (DEN) e conselho espraiam-se em seis Diretorias Regionais (DER) e respectivos conselhos. Dessa forma, a capilaridade nasce nas bases e se desenvolve regionalmente. Outro pilar caro à Associação é o estímulo e organização de espaços e oportunidades de interação e aprendizados entre estudantes de graduação e pós-graduação, professores e pesquisadores da Educação Básica e da Educação Superior. O trabalho de mobilização e crescimento das bases cabia às diretorias regionais, especialmente comunicar-se com os membros já afiliados e conquistar a participação de novos. Isso incluía atividades como redigir e enviar correspondências e informativos das ações, eventos, cursos e publicações, administrar o pagamento das anuidades, manter atualizada a lista de endereços, dados pessoais e institucionais das pessoas associadas, por exemplo. Foram tais demandas exigidas pela rotina da diretoria regional que me fizeram estudar e aprender a trabalhar com planilhas eletrônicas. Era em uma planilha Excel *off-line*, que mantínhamos, tão atualizada quanto possível naqueles tempos de comunicação não instantânea, dados referentes à instituição, ao endereço e às anuidades pagas por cada associado/a. Era por carta enviada pelo correio, que cobrávamos anuidades e recebíamos cheques ou recibos de depósitos referentes aos valores que haviam sido depositados, presencialmente, nas agências bancárias. A planilha Excel mais antiga que guardo<sup>9</sup>, do ano de 2003, registra 35 nomes, sendo que 18

---

<sup>9</sup> Penso que havia planilhas ou listas anteriores, mas estas deviam ser manuscritas em folhas de almanco, traçadas com régua e caneta colorida. Não consegui localizá-las nos arquivos a tempo de comentá-las neste texto.

associadas/os haviam quitado suas anuidades naquele ano. A situação das filiações e pagamentos era reportada periodicamente à DEN. A última e mais recente planilha que tenho<sup>10</sup>, de 2009, já registra 98 associados na Região Sul. Abrir esta pasta-baú me permitiu ver e recordar arquivos do tipo TXT, que preparava para imprimir as etiquetas que seriam impressas e coladas nas cartas de correspondência com os associados do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina.

O trabalho da Secretaria e da Tesouraria da DER Sul era intenso nos eventos nacionais e regionais. Em ambos, solicitávamos antecipadamente aos organizadores a reserva de um pequeno e estratégico espaço do evento no qual fosse haver muito trânsito de participantes, de uma mesa e de quatro cadeiras, para que ali pudéssemos instalar o *banner* que indicava a “banquinha da Regional Sul”. Era nesta sede, improvisada e transitória, às vezes com chimarrão, chá ou café, que recebíamos colegas que vinham quitar suas anuidades, demandar atas de eventos anteriores e outros materiais veiculados na Associação, trocar boa conversa, novidades e abraços saudosos. A DER Sul organizava escala de plantão entre seus membros e nos revezávamos em duplas para estarmos disponíveis às pessoas associadas durante todo o evento, mesmo ao custo da perda de alguma das atividades que aconteciam durante o plantão na banquinha.

Os eventos eram, como penso que ainda o são, clímax da atividade da nossa Associação. Lembro-me de forma muito nítida da emoção do I ENEBIO, no início de agosto de 2005, realizado no querido palácio da Praia Vermelha, sede da faculdade de Educação da UFRJ, onde me formei. Foi uma alegria retornar ali para presenciar a solene abertura coordenada por Ana Cléa Braga Moreira Ayres, presidente do evento, no imponente salão Pedro Calmon. Aquele ENEBIO, realizado com o já terceiro EREBIO da Regional RJ/ES, nos incentivou a realizarmos, com urgência, nosso primeiro encontro no sul. A despeito do pouquíssimo tempo que teríamos para organizá-lo, havia uma possibilidade de realizá-lo com um evento de ensino, pesquisa e extensão da UFPR, que ocorreria dois meses mais tarde. Decidimos abraçar esta possibilidade para termos, finalmente, a semente plantada. Assim foi, como Chris Gioppo conta em sua seção neste texto. Se este primeiro EREBIO Sul foi tímido em número de participantes<sup>11</sup>, ele foi gigante em perspectivas, sonhos, e um marco entre nós. Além disso, nascemos como evento regional sob o inspirador título do evento maior da UFPR: *Profissão Docente: história, saberes e representações sociais*. Em Curitiba, decidimos realizar um segundo evento logo no ano seguinte, na UFSC, em Florianópolis.

O II EREBIO Sul integrou as atividades e foi apoiado pelo projeto *Núcleo de Apoio à Divulgação e Educação em Ciências* (Nadec/UFSC/Finep). Desse evento guardo muitas lembranças especiais que não caberiam nem em um livro inteiro. Destaco algumas como, por exemplo, o serviço de motorista que nós, organizadores do evento, desempenhamos ao volante do veículo do Nadec.

---

<sup>10</sup> No ano seguinte, 2010, houve a migração dos dados das pessoas associadas para um sistema informatizado, centralizado na DEN.

<sup>11</sup> Mas, para dois meses de preparação, os números do evento impressionam, especialmente considerando a dificuldade de comunicação existente à época: foram realizados cinco minicursos, uma mesa-redonda e apresentados doze comunicações/pôsteres.



Também, a foto da querida equipe organizadora no vão central do prédio de salas de aula do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC – local emprestado para o evento. Equipe formada por quase cinquenta pessoas. Aquelas e aqueles monitores, na época estudantes de graduação e pós-graduação, hoje são professores de redes de educação básica e superior na Região Sul e em muitos outros locais do Brasil, enquanto que as organizadoras estão ou já poderiam estar aposentadas. Recordo igualmente, ainda sentindo um frio na espinha, da complexidade logística que foi o evento: ele foi realizado nas dependências da UFSC, durante o feriado prolongado do dia de Finados. Por motivo de acesso restrito aos prédios em dias não letivos, tivemos que mover toda a estrutura da secretaria e da coordenação do evento três vezes ao longo dos três dias do encontro (depois da primeira mudança, já a chamávamos de “Secretaria Itinerante”). Por fim, recordo com nostalgia o intenso trabalho que se estendeu ao longo dos nove meses seguintes ao evento, na sala do *Núcleo de Estudos em Ensino de Genética*, no CCB/UFSC, para organizar suas atas que foram gravadas e distribuídas em CD-Rom. O II EREBIO Sul reuniu quase 300 participantes. Apresentamos, dialogamos e aprendemos com os cerca de 100 trabalhos de pesquisa, relatos de experiência, mesas redondas, debates e nos deleitamos com uma mostra de material didático.

Dois anos mais tarde, em 2008, nos encontramos no III EREBIO Sul, em Ijuí, conforme relatou Maria Cristina, anteriormente. Das ótimas lembranças que guardo deste evento, a mais inusitada é a demonstração de que a sensação do tempo que passa é mesmo muito relativa. Graças a um mutirão de financiamento para o qual contribuíram o Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, o Centro de Ciências da Educação, o Centro de Ciências Biológicas e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFSC, conseguimos financiar transporte rodoviário, em ônibus fretado, para que cerca de 30 pessoas pós-graduandas, graduandas e docentes conseguissem participar do evento em Ijuí. Saímos da Ilha ao raiar do dia. Após duas horas de sono para recuperar o cansaço do despertar inabitual, as atividades recreativas coletivas no ônibus começaram: contamos causos, desenhamos planos e projetos, fizemos apresentações artísticas, imitações, discussões epistemológicas, abordamos e resolvemos alguns problemas da universidade, do mundo e do ensino de Biologia. Foram as doze horas mais rápidas da minha vida. Ainda estávamos embalados em dinâmicas atividades quando chegamos em Ijuí, no início da noite, mas ainda a tempo de encontrar colegas locais e nos acomodarmos para iniciar o evento no dia seguinte. Naquela ocasião, em Ijuí, impressionou-me positivamente o vigor, a riqueza e o engajamento de colegas da educação básica, presentes no Encontro sobre Investigação na Escola (EIE) que naquele ano já estava em sua oitava edição<sup>12</sup>. O VIII EIE, realizado em conjunto com o III EREBIO, objetivava oportunizar apresentações e discussões de conhecimentos, saberes e experiências de professores da educação básica, estudantes de graduação em espaço de interação universidade-escolas para a formação de educadores. Outra indelével memória deste evento foi uma sessão de avaliação coletiva, prática tradicional nos eventos da SBEnBio. Aí, os participantes redigiram a *Carta das Missões*, na qual, declaram, entre outros importantes aspectos que

---

<sup>12</sup> Em 2021, este evento teve sua 17ª edição.





Entende-se que nos próximos eventos da área é desejável uma preocupação, com a estética, que deve perpassar e estar presente em todo o evento, a exemplo do que ocorreu em Ijuí (onde os eventos artísticos foram importantes e numerosos). Além disto, é desejável a presença de eventos e/ou apresentações artísticas realizadas por artistas-pesquisadores, projeção de filmes relacionados à temática do evento, com posterior discussão, dentre outras iniciativas (SBENBIO-SUL, 2008, p. 1).

Conjugada a uma rica e diversa programação de conferências, painéis, comunicações e pôsteres, uma memorável visita vespertina e noturna às ruínas de São Miguel das Missões e seu som e luz, deixa nostalgia e maravilhamento até hoje.

Minha memória dá um salto no tempo para recordar que em setembro de 2015 os associados do Sul se encontraram novamente em Santa Catarina, no VII EREBIO, desta vez na Unesc, em Criciúma. Neste evento, refletimos e discutimos sobre os temas das comunidades de prática, sobre os espaços não formais e sobre a problematização no ensino de Ciências e Biologia. Recordo-me também de assistir, embevecida, apresentações de estudantes e colegas da então jovem Universidade da Fronteira Sul – *Campus* Cerro Largo, que mencionaram em suas apresentações um currículo de formação em licenciatura de dar inveja às veteranas: nele, as Práticas como Componente Curricular estavam estruturadas em disciplinas específicas, desde a primeira fase do curso. Um currículo daquela maneira desenhado parecia ter o potencial e almejado formato para articular as demais disciplinas de cada fase (a partir da epistemologia, currículo, metodologia, dentre outros importantes temas para o ensino de Biologia e Ciências), e fazer com que finalmente um curso de licenciatura em Ciências Biológicas se organize em torno da formação de professores.

Certamente o espaço disponível neste texto não é proporcional à quantidade das caras e ternas memórias guardadas na caixinha... Antes de encerrar, gostaria de recordar também o papel que a Regional Sul teve em 2007 na editoração e produção do número 1 da Revista da SBEnBio<sup>13</sup>, importante iniciativa que objetivou dar visibilidade às

“práticas de muitos outros professores de Biologia que se espalham anonimamente e buscar os significados variados de ensinar e aprender esta disciplina, que o tempo vem configurando. Pensamos que a SBEnBio deveria criar espaços diversificados para expressar tais práticas compreendendo-os como formas de continuar investindo na profissão docente, resistindo às dificuldades e revigorando os sentidos do seu fazer” (SELLES, 2007, p. 4).

#### **4 A entrada do túnel do tempo é no Paraná: revisitando as memórias de Christiane**

Licenciei-me em Ciências Biológicas, em 1982, pela Universidade Federal do Paraná. Iniciei minha Graduação na UFPR em 1978, no final dos anos de chumbo da ditadura militar (VON TROTTA, 1981). Já nos meses iniciais, um grande susto: meu irmão, menor de idade e acadêmico do

---

<sup>13</sup> O número zero, de 2005, e demais números desta série, que hoje se continua na REenBio, estão disponíveis em <https://www.sbenbio.org.br/categoria/revistas/page/4/>.





curso de Engenharia Mecânica, foi preso pelo Departamento de Ordem Política e Social – o famigerado DOPS –, em frente ao teatro da Reitoria da UFPR, por distribuir panfletos para uma reunião estudantil. Minha tia já se encontrava exilada em Cuba havia quase 10 anos, e o DOPS vasculhava nossa casa em busca de correspondências dela. Ainda lembro com espanto os agentes do Departamento revirando a velha geladeira *Frigidaire* azul da minha mãe, em busca de documentos. Em minha memória permanece essa imagem de truculência surreal. Embora pela agilidade de bons advogados meu irmão tenha ficado pouco tempo detido, isso foi suficiente para marcar meu silêncio e tensão ao longo do curso. Havia sempre uma suspeita de caguetes, que poderiam delatar estudantes subversivos.

O currículo ufanista impunha disciplinas obrigatórias, como as de Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), com docentes militares, nas quais tínhamos que listar os ministros do governo em apresentações de trabalho. Pairava uma alienação paralisante e aterradora entre os estudantes, e nossa preocupação foi direcionada para a métrica das médias e a conclusão do curso, que executei sem questionar. Ao final do último semestre, lembro-me de ter recebido do reitor uma carta de parabenização, pois percorri os semestres letivos sem nenhuma reprovação e, segundo as estatísticas da instituição, isso me colocava entre os menos de 10% de estudantes na mesma categoria. Esse documento, sem qualquer relevância acadêmica, apenas reiterou a importância dada a essas métricas alienantes em detrimento ao raciocínio crítico, pois enquanto essas cartas eram enviadas, os centros acadêmicos e as reuniões entre estudantes estavam proibidas. As disciplinas seguiam sendo vigiadas por estudantes desconhecidos e não havia consciência de turma, de coletivo; era basicamente cada um por si ou com seu pequeno grupo de amigos.

Depois de graduada, decidi entrar diretamente no mercado de trabalho. Hoje percebo que tal decisão foi tomada principalmente pela falta de empatia com a repressão de entrelinhas, que nos conduziu pela imposição de silêncio. Dessa forma, antes mesmo da cerimônia de colação de grau, eu já estava ministrando aulas de Ciências para o Ensino Fundamental em uma escola no município de Campina Grande do Sul, a 35 km da minha casa, em Curitiba. Naquele município, trabalhei por pouco mais de nove anos. Vivi aquele período como se tivesse entrado em um túnel do tempo, para regressar ao final do século dezenove, pois a diferença com Curitiba era brutal. Alguns estudantes vinham para a aula a cavalo, e para ir e voltar do município só havia um ônibus em cada período; havia estudantes que moravam em locais sem luz e em casas sem água encanada. Muitos eram agricultores e gastavam mais de duas horas para chegar à escola. Nessas condições, dediquei-me totalmente à docência, tendo consciência da importância da escola para aquelas crianças. Ali encontrei minha vocação, pois era feliz e buscava a melhoria do ensino. O antigo silenciamento foi sendo transmutado em resiliência, em luta pela qualidade das aulas. Eu adorava aquelas crianças e aquele lugar.

Foi por volta de 1987 que comecei a me aprofundar um pouco mais em questões de melhoria de ensino e aprendizagem. Estávamos no *boom* dos Clubes de Ciências, nas escolas, e eu consegui viabilizar um dos raros Clubes aprovados pela Secretaria de Educação do Paraná (SEED/PR), que foi institucionalizado como atividade extracurricular. Meu objetivo era dar apoio aos professores e estudantes nas atividades e aulas de Ciências. As dificuldades eram enormes, pois o município não



tinha sequer um projetor VHS (novidade tecnológica da época), e cada vez que eu planejava realizar qualquer apresentação, precisava ir até Curitiba pedir emprestado o equipamento para a escola.

Ainda assim, foi por intermédio do Clube de Ciências, que viabilizei a participação dos estudantes (de uma escola periférica da Região Metropolitana de Curitiba) em feiras de ciências em nível local, estadual e até internacional (fomos ao Uruguai). Organizei, também, atividades de formação continuada para os professores e, em uma dessas atividades, fui convidada a integrar a equipe de ensino da SEED/PR.

Em 1991, já nessa equipe, Roseli Machado e eu atendemos as demandas de formação continuada de professores. O objetivo na época era divulgar em nível estadual o recém-lançado Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná (PARANÁ, 1990), que era, na verdade, um conjunto de parâmetros curriculares estaduais, com listas de conteúdos, e não um currículo em si, por definição. Esse material tinha uma enorme rejeição por parte dos professores.

A rejeição ocorria principalmente porque o material era muito diferente das abordagens metodológicas e da seleção de conteúdos presentes nos livros didáticos comprados para as escolas públicas do Estado pelo Programa do Livro Didático (anterior ao PNLD). Uma de suas grandes inovações é que estava fundamentado na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2008).

Para reduzir a rejeição, o então Departamento de Ensino Fundamental da SEED/PR estabeleceu um conjunto de estratégias: 1. Criar espaços de formação continuada de professores para a compreensão da metodologia de ensino proposta pela pedagogia Histórico-Crítica; 2. Produzir e publicar uma coletânea de cadernos intitulada Cadernos do Ensino Fundamental (PARANÁ, 1991), com atividades e lições, que auxiliavam professores a aplicar a proposta em sala de aula, uma vez que diferia enormemente dos livros didáticos; 3. Propor novas atividades de formação continuada, para que os professores pudessem aprender com os Cadernos e escrever suas próprias lições (ainda não se utilizava o termo sequência didática); e, 4. Abrir edital para a seleção/compra de livros didáticos, que se aproximassem dessa metodologia e incluíssem a seleção de conteúdos listados no Currículo Básico (PARANÁ, 1990). Ressalto que esse edital foi anterior à reformulação do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, com livros avaliados por equipes de pesquisadores, reunidas de acordo com as áreas de conhecimento.

Minhas principais funções na SEED/PR eram: escrever lições para as coleções dos Cadernos e atuar como docente nas formações continuadas de professores por todo o Estado do Paraná. A tarefa de docência era descomunal, e exigia constantes viagens para cursos presenciais por todo o Estado. Atendemos todos os chamados e pedidos de formação continuada, assim como palestras e reuniões com professores da rede estadual, professores universitários e estudantes em formação. E, foi durante uma apresentação para estudantes de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas que visitei a UFPR. Ali, fui convidada a inscrever-me em um concurso público para professores do então denominado Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino – posteriormente renomeado para Departamento de Teoria e Práticas de Ensino.



Naquele momento do concurso, eu não tinha sequer um curso de Especialização na área, mas acredito que minha experiência tanto em sala de aula quanto na formação de professores permitiu que eu tivesse um bom desempenho, resultando na aprovação. No entanto, ao adentrar a carreira acadêmica, em agosto de 1992, percebi o grande abismo entre a sala de aula na escola e a formação inicial de professores, e concluí que a continuidade dos estudos seria condição primordial para a qualidade da minha nova função de formadora de professores. Imediatamente ingressei em um curso de Especialização em Metodologia Científica; em seguida, em outro de Metodologia do Ensino Tecnológico e, em menos de dois anos depois ingressei no Mestrado em Educação, pela Universidade de São Paulo, em 1994.

Minha trajetória como professora de ciências e depois como técnica da SEED/PR, para a formação continuada de professores, foi o fio condutor para o Mestrado em Educação na USP. E foi ali, sendo orientada pelo professor Nélio Bizzo, que conheci Vivian Leyser, Clarice Sumi Kawasaki e Charbel Nino El Hani, todos colegas de pós-graduação e orientação. Ali também conheci e participei pela primeira vez de um Encontro de Perspectivas do Ensino de Biologia.

Provavelmente eu tenha sido a primeira orientada de Mestrado do professor Nélio Bizzo, e com ele descortinei um mundo inteiramente novo, acadêmico, da pesquisa em Ensino de Ciências, que ainda não tinha tido acesso. Eu conhecia apenas a docência e a formação continuada, mas não havia adentrado à produção acadêmica da área de Ensino de Ciências e de Biologia. Com meu orientador, vivenciei não somente os EPEBs como também participei de encontros internacionais, que ampliaram significativamente minhas perspectivas de formação. Foi com o professor Bizzo que conheci e participei dos eventos da *International Organization for Science and Technology Education* (IOSTE), da *History and Philosophy of Science and Science Teaching* (HPSST). Em seguida, comecei a dar meus primeiros passos solo, participando de forma independente do encontro anual da *American Educational Research Association* (AERA). No meu entender, o professor Bizzo tinha como objetivo colocar os pesquisadores brasileiros do Ensino de Ciências e Biologia no mapa internacional de investigadores da área, e ele o fez com grande maestria, pois incentivava nossa participação nos eventos internacionais, buscava formas de financiamento e ainda nos colocava na organização de outros eventos, para desenvolvimento coletivo de *know how* na área. Esse mesmo *modus operandi*, comum para os pesquisadores das áreas de Ensino de Física e de Química, era bastante incipiente na área de Ensino de Biologia, e o professor Bizzo permitiu que vislumbrássemos o ensino de Biologia de forma mais ampla. Pode-se dizer que ele é um dos grandes mentores da criação da SBEnBio. Portanto, entendendo que meu caminho acadêmico e a trajetória da SBEnBio nasceram quase juntos e entrelaçaram-se sob as mãos do mesmo Tecelão, o professor Nélio Bizzo. Ele foi um dos mentores e fazedores dessa grande teia da SBEnBio, junto com as professoras Myriam Krasilchik e Sílvia Frateschi Trivelato, e pode ser considerado um dos patriarcas da área de pesquisa em Ensino de Biologia no Brasil. Em nossa analogia com a teia, os fios e os nós, eu os chamaria de *- big spiders-*, apoiando-me no homônimo servidor dos computadores da USP à época.

#### 4.1 A fundação da SBEnBio

Sob a boa urdidura do professor Nélio Bizzo, a Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia foi instituída, no VI EPEB, em 1997. Eu fui a secretária *ad hoc* da assembleia de fundação, e é importante lembrar que ela foi criada como uma Sociedade em um paralelo explícito à SBPC, pois

É uma associação civil de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, aberta a todos os interessados na pesquisa em Ensino de Biologia, sem distinção entre professores pesquisadores, estudantes da Educação Superior e Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio). Busca fomentar um diálogo sobre as questões de ensino de biologia, entre seus associados e outros profissionais vinculados(as) a áreas correlatas para promover o desenvolvimento do ensino e da pesquisa em ensino de Biologia entre profissionais deste campo de conhecimento (SBENBIO, s.d.)

Na época, as opiniões em relação à criação de uma Associação em nível nacional estavam divididas. Havia aqueles que não queriam que os Encontros de Perspectivas do Ensino de Biologia desaparecessem. Eles argumentavam que os encontros já estavam consolidados e a Universidade de São Paulo conseguia, de forma magistral, reunir periodicamente a área, e poderia continuar mantendo a qualidade. Do outro lado, havia pesquisadores que entendiam que os encontros estavam muito restritos à USP e aos professores de São Paulo, visto que delegados de outros Estados tinham participações muito pontuais e esporádicas, e os professores da Educação Básica não conseguiam financiamento para participação no evento com a mesma frequência que os estudantes de Graduação e Pós-Graduação.

Nesse sentido, havia um interesse em espriar, descentralizar e (re)conhecer os estudos e trabalhos de outras universidades, bem como ampliar a participação de professores de outros Estados. No centro de tudo, era visível a enorme carga de responsabilidade e trabalho dos docentes da área de Ensino de Biologia da Faculdade de Educação da USP: Myriam Krasilchik, Silvia Frateschi Trivelato e Nelio Bizzo. A necessidade de realizar os eventos em outros Estados prevaleceu, e decidimos criar a Sociedade, que, posteriormente, por questões burocráticas e legais, teve que ser renomeada como Associação, conforme explicado por Adriana em nota de rodapé na seção anterior.

#### 4.2 A Regional Sul e sua relação com o ICASE

Já mencionei que o professor Nelio Bizzo, da USP, foi um dos grandes mentores da SBEnBio, e responsável pelo crescimento da área de Ensino de Biologia, tanto nacional quanto internacionalmente.

Um dos eventos, em que fui levada pelo professor Bizzo, foi o Segundo Simpósio Latino-Americano do *International Council of Associations for Science Education* (ICASE), em Mar Del Plata, na Argentina, em 1997. Para aquele evento, levei também duas professoras da Educação Básica que eu orientava na época; uma delas era a Denise Estorriho Baganha, que posteriormente veio a trabalhar na SEED/PR. Ali participei de um seminário que antecedeu o evento, financiado pela



Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com o objetivo de elaboração de materiais didáticos fundamentados no movimento *Science and Technology Literacy* (STL), similar ao movimento Science, Technology and Society (STS), onde conheci Jack Holbrook, que na época era membro do comitê executivo do referido Conselho, já tendo inclusive sido presidente do ICASE. Foi esse pesquisador que me introduziu ao ICASE e incentivou a produção de um evento Latino-Americano no Brasil, mas, para tanto, era necessário que uma associação de ensino ou de pesquisa em ensino estivesse associada ao conselho.

Para fazer isso, pensamos em formalizar e afiliar a Regional Sul da SBEnBio, mas ainda havia alguma burocracia a ser procedida, pois nós ainda não havíamos constituído a diretoria da Regional Sul. Por este motivo, a filiação de uma associação para o evento Latino-Americano foi realizada com a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Primeiramente, entramos em contato com o professor Euclides Fontoura da Silva Junior, representante da Seccional PR/SC da SBPC, para sondar o interesse daquela associação em filiar-se ao ICASE. A SBPC foi, então, filiada ao ICASE, pela confirmação do interesse demonstrado após o aceite da Diretora Nacional da SBPC à época, a professora Glaci Zancan.

Assim, montamos um comitê organizador, visitamos vários órgãos do governo estadual buscando apoio institucional e, em seguida, elaboramos uma proposta para sediar o Simpósio Latino-Americano do ICASE. Com a proposta pronta fui a Liverpool apresentá-la no encontro trienal do Conselho. Lá, fomos aceitos e iniciaram-se os trabalhos preparatórios para a realização evento. O presidente do Simpósio foi o professor Euclides Fontoura da Silva Junior. A Regional Sul da SBEnBio, ainda em seu processo de constituição, tornou-se parceira do evento, por meio do trabalho e colaboração de seus membros. Foram dois longos anos de intensa preparação.

Para contextualizar nossas condições de trabalho, é bom lembrar que nessa época a UFPR ainda estava em processo de implantação tecnológica e de informática. O Departamento de Teoria e Prática de Ensino da UFPR, no qual eu trabalhava, ficava no quinto andar do edifício D. Pedro I, no complexo da Reitoria, e o andar é um grande corredor de cerca de 100 metros de comprimento, onde havia um único telefone fixo, na secretaria, no meio do corredor. Não havia computadores pessoais nem *laptops* em nenhum andar do prédio, nem rede de internet; para nos comunicarmos via e-mail, eu tinha que ir ao *Campus* Centro Politécnico, no Centro de Computação Eletrônica, a 5 km de distância da Reitoria, pois somente ali havia uma sala com computadores ligados à internet. Cada vez que isso acontecia, eu parecia retornar ao túnel do tempo do início da carreira, e me sentia um pouco como Vital Brazil nos primórdios de seus trabalhos, em 1901, quando ele atravessava o Rio Pinheiros de charrete para ir à fazenda de Butantan, que se transformaria posteriormente no Instituto Serumtherápico (Instituto Butantan). Mas diferentemente de Vital Brazil, nós, na Educação da UFPR, éramos totalmente anacrônicos para o momento em que as coisas aconteciam.

Foi nessas condições que organizamos e executamos o evento, em outubro de 1999. Ali, tivemos a presença de mais de 1.500 pessoas de 15 países. Uma das estratégias que criamos para otimizar verbas e trazer pessoas interessantes e bons palestrantes foi sugerida pela professora Vivian





Leyser (UFSC), que era criar vários mini-eventos dentro do grande Simpósio. Por exemplo, Leyser (UFSC) organizou um encontro de avaliação de atividades de educação científica, financiado pelo governo federal, e trouxe uma equipe de professores de cada estado brasileiro. Houve sessões de avaliação e de apresentação de trabalhos nesse encontro, mas todos os delegados do grande Simpósio do ICASE puderam assistir e participar. Denise Estorriho Baganha e a equipe da SEED/PR trouxeram cerca de 800 delegados/professores de todo o Estado, pois coordenamos uma formação continuada amalgamada ao evento. Roseli Machado e Lia Kucera viabilizaram uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que ofereceu acomodações e locomoção para vários convidados internacionais. Coordenamos, ainda, uma série de atividades culturais, em conjunto com a Secretaria de Cultura do Estado do Paraná. Também fizemos parcerias com editoras, que trouxeram autores de interesse, para realizarem palestras e apresentarem seus livros, inclusive o próprio professor Bizzo, que veio pela editora Ática. Além disso, houve uma parceria especial com o Conselho Britânico, que financiou a vinda de dois *Keynote speakers*, sugeridos por Vivian Leyser: Joan Solomon e John Ziman. Outra participação internacional foi a do Diretor do Museu Des Citès et de l'Industrie (conhecido como "*cité de la villette*"), de Paris, Dr. Paul Caro, que -Vivian Leyser, Clarice Sumi Kawasaki e eu- conhecemos em um encontro do IOSTE, em Edmonton, no Canadá. Dr. Caro trouxe abordagens interessantes e inovadoras sobre a Educação em Museus e as discutiu em uma mesa redonda com Ernst Wolfgang Hamburger, diretor da saudosa Estação Ciência da USP, na Lapa. Temática que a SBEnBio abraçaria fortemente anos depois.

É importante ressaltar que o *know how* adquirido nos EPEBs da USP, a ampliação de horizontes promovidas por participações internacionais alavancadas pelo professor Bizzo e a parceria entre integrantes de diversas instituições e da Regional Sul da SBEnBio foram ingredientes marcantes para o sucesso daquele Simpósio, elaborado de forma totalmente artesanal, sem o envolvimento de nenhuma empresa especializada em eventos. Não havia conta bancária do evento, e os pagamentos eram em cheque, sendo necessário realizar o depósito presencial em agência, todos os dias, durante o processo de inscrição. Assim, somente a boa vontade e a tenacidade dos professores garantiram a execução daquele gigante.

Foi durante o III Simpósio Latino-Americano do ICASE, em Curitiba, em 1999, que organizamos a primeira Assembleia entre delegados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e que constituímos, de fato, a diretoria Regional Sul da SBEnBio, com a proposta de uma pequena agenda de trabalho, cujo objetivo inicial era angariar associados. Portanto, a Regional Sul nasceu oficialmente em Curitiba, durante o evento do ICASE.

Nos anos que se sucederam, a Regional Sul da SBEnBio foi filiada ao ICASE, ampliando as parcerias internacionais. O IV Simpósio Latino-Americano do ICASE, em Londrina, com o V Erebio da Regional Sul, viabilizado pelo trabalho incansável da professora Vera Lúcia Bahl de Oliveira, da UEL, contou com a presença do professor Cesar Mora, do Instituto Politécnico Nacional do México e presidente da Latin American Science Education Research Association (LASERA), conforme detalharei no próximo item.





Outra realização da parceria da Regional Sul com o ICASE foi a indicação da única participação brasileira de um *keynote speaker* em um evento mundial do ICASE. A Regional Sul indicou e negociou a participação do professor Charbel Nino El Hani no evento mundial desse Conselho, que ocorreu na Nova Zelândia. É importante ressaltar que esta foi a única vez que um evento de porte mundial do ICASE teve um *keynote speaker* brasileiro, e essa indicação foi feita por nós, da Regional Sul.

Foi, também, por meio da representação da Regional Sul da SBEnBio, que me candidatei e fui eleita para o Comitê Executivo do ICASE, tornando-me representante deste para a América Latina e Caribe. Depois de dois mandatos, fui substituída pelo professor Cesar Mora, do México.

Além dessa representação, em 2012, também tive a oportunidade de ser selecionada para o evento anual do La Main à La Pâte, que ocorre anualmente em Paris. Eles têm um rigoroso processo seletivo, e apenas um, ou no máximo dois representantes por país são escolhidos anualmente. Para mim, esse foi um grande reconhecimento pelo trabalho executado para o Ensino de Ciências no Brasil, e a organização de atividades pela Regional Sul certamente contribuiu para esta escolha.

As últimas parcerias da Regional Sul com o ICASE ocorreram em 2017. Primeiramente, com a indicação do Professor Cesar Mora, para candidatar-se à representação em vias finais de mandato de Christiane Gioppo como a Representante Latino-Americana do ICASE. Posteriormente, com a visita acadêmica do professor Steven Sexton, da Nova Zelândia, membro do comitê executivo do ICASE para a região da Austrália e Pacífico, que veio ao Brasil durante um período de visita técnica. Ele foi conduzido ao Mato Grosso do Sul (MS), onde eu estava finalizando uma parceria com professores indígenas da etnia Terena, para a produção de materiais didáticos. Essa atividade tinha outros parceiros de financiamento, mas os princípios de produção de materiais STL foram expandidos para sequências didáticas de atividades ambientais em língua Terena. No MS, o professor Sexton relatou aos Terena sua experiência com os nativos Maoris, da Nova Zelândia.

#### 4.3 EREBIOS da Regional Sul: lembranças de Christiane

O Primeiro Encontro da Regional Sul foi coordenado por mim. Desde o evento do ICASE, em 1999 -quando a Regional foi efetivamente constituída- até o I EREBIO-Sul foram mais de cinco anos, pois no início dos anos 2000 eu saí de licença para cursar o Doutorado integralmente nos Estados Unidos, onde fiquei por três anos. No meu retorno à UFPR em meados de 2003 passei para a gestão do Centro de Pesquisas Educacionais (CEPED) do Setor de Educação da UFPR. Aquele centro é responsável, entre outras coisas, pela organização de um evento anual de apresentação das pesquisas dos docentes da instituição, intitulado Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR. Na época, observei que, após o evento do ICASE e a instituição da Regional Sul, nenhuma outra atividade havia sido organizada. Então percebi a oportunidade de integrar um evento do EREBIO Sul com a referida Semana da UFPR. Dessa forma, poderíamos retomar as atividades da regional, iniciadas no grande Simpósio Latino-Americano do ICASE, ocorrido em 1999 (outros detalhes desse momento foram descritos pela Adriana, na seção anterior).



A estratégia de simultaneidade com outros eventos, que estão na origem da própria regional e, no evento do ICASE, ocorre para otimizar esforços e verbas, compartilhando tarefas com outros colegas de áreas distintas que não estariam presentes sem essa integração, e isso ocorreu também no primeiro evento da Regional Sul. O evento contou com apenas 30 participantes e nenhum tipo de apoio ou financiamento específico, mas representou a reação da Regional à carência financeira e à saída da inércia, ao longo desses cinco primeiros anos de existência. Essa estratégia de organização de eventos compartilhados continua como uma das formas mais comuns de otimização de esforços/verbas, ao longo dos diversos eventos realizados pela Regional, conforme descrito pela professora Maria Cristina Pansera de Araújo nos relatos dos Erebios.

Além da estratégia de otimização de esforços, outra característica marcante dos EREBIOS da Regional Sul é a intercalação de Estados organizadores. A regional procurou, de forma consistente, intercalar os Estados e instituições que estariam no comando dos diversos eventos. É importante lembrar que foi a possibilidade de uma participação mais ampla, que fomentou a criação da SBEnBio, na USP e a transformação dos Encontros Perspectivas do Ensino de Biologia em encontros da SBEnBio e que, portanto, a Regional, por sua vez, pautada neste princípio, continuou a tradição e estendeu a ampla participação a diversas instituições parceiras. Os eventos subsequentes da regional Sul reiteram o esforço das diretorias dessa regional para a manutenção do princípio da diversidade institucional.

Outro EREBIO em que tive a oportunidade de participar mais de perto foi o V EREBIO Sul, em 2011, realizado junto com o IV Simpósio Latino-Americano e Caribenho de Educação em Ciências promovido pelo ICASE (Conselho Internacional de Associações de Ensino de Ciências), que tematizou as questões internacionais e as políticas públicas brasileiras. Foi lindamente coordenado pela professora Vera Lucia Bahl de Oliveira, e contou com a presença de pesquisadores Latino-Americanos, os quais trouxeram outras possibilidades de pesquisa no ensino de Biologia e Ciências. Foi um evento grandioso, com cerca de 1.000 delegados presentes e várias atividades simultâneas, marcado pela presença do professor Cesar Mora, *Keynote speaker* e presidente da LASERA, associação criada a partir da *European Science Education Research Association* (ESERA), uma das associações mais respeitadas na Educação Científica em nível mundial. O ESERA organiza eventos anuais e o LASERA, bianuais. Houve convites para integração e parceria entre as duas organizações.

## 5 Desafios e perspectivas para os próximos 25 anos da SBEnBio

O registro das histórias de vida elaborado para este texto mostra algumas das muitas parcerias e trabalhos desenvolvidos ao longo desses anos. Fica claro que é impossível resumir tanto esforço em tão poucas páginas, mas narramos alguns deles.

A Regional Sul organizou eventos variados, oportunidades e moradas para novas pessoas pesquisadoras e docentes continuarem e incrementarem parcerias para qualificar ainda mais suas atuações. Esta dinâmica constitui condição *sine qua non* para garantir a continuidade da Associação na articulação de professores e pesquisadores do Ensino de Biologia, desde o Sul para todo o país.

Nosso texto, até aqui, apresentou três fios (dentre muitos) constituidores da Associação e comentou sobre a matéria usada no tecimento de cada um deles (as histórias de vida das autoras). Falamos, também, sobre o nó (a Regional Sul), sobre a teia (a SBEnBio) e até sobre *big spiders* (alguns personagens importantes na constituição da área de Ensino de Biologia no Brasil). Nesta seção, desejamos comentar desafios e perspectivas que nossas experiências de seniores talvez autorizem mencionar, pois, assim como uma aranha carrega seus filhotes nas costas por um tempo e, em seguida, os deixa voar ao sabor do vento, nossas sugestões podem ser consideradas como um incentivo a esse voo e a tessitura de novos fios que podem ampliar a teia, renová-la e até mesmo refazê-la por completo. Seguem alguns pontos.

A renovação dos quadros diretivos da Regional é um aspecto importante. Pensamos que a presença de representantes de cada um dos Estados, assim como aqueles mais jovens ao lado de participantes de diretorias anteriores, qualifica o trabalho. Para isto, faz-se mister o fortalecimento e a ampliação da rede de pessoas associadas, investindo esforços na interação via redes sociais, *site* e outras formas de comunicação síncronas e assíncronas, além, é claro, dos encontros presenciais, cada vez mais necessários. Esta dinâmica contribui também na divulgação e na popularização da produção acadêmica sobre ensino de Biologia e de Ciências.

A interlocução com as pessoas associadas precisa ser cada vez mais ampliada e dinamizada, para que cada um e todos os sujeitos se sintam parte fundamental e essencial da comunidade SBEnBio. É mais do que lugar comum, mas também o princípio basilar em uma associação científica: o indivíduo se fortalece no grupo e vice-versa.

Os aspectos anteriormente expostos requerem que docentes (atuais e futuros) e pesquisadoras/es percebam as associações como parte integrante de sua profissão, atividade e como instrumento de trabalho tão necessário e cotidiano quanto o *smartphone*. Para tal percepção, é necessário que haja incremento intencional, institucional, sistematizado, explícito e concreto da valorização das associações científicas no seio da comunidade acadêmica e docente. Uma iniciativa neste sentido – que temos proposto e divulgado no âmbito de nossas associações – é a reivindicação de que a plataforma Lattes do CNPq incorpore o item “Associações científicas” na aba “Atuação”. Este item seria destinado a receber a relação das associações científicas às quais a pessoa seja filiada, ano de início e término de filiação e cargos ali desempenhados. Julgamos que isto seria uma oportuna



ação no sentido de estimular e visibilizar o procedimento acadêmico da filiação e atuação nas associações científicas, tão necessário e importante como os demais afazeres constantes na plataforma Lattes que fazem parte do cotidiano e constituem um/a pesquisador/a e um/a professor/a.

Outra questão importante refere-se à continuidade do estímulo e apoio para a consolidação e ampliação do espaço para a publicação da produção acadêmica e das experiências didáticas em sala de aula, na Revista de Ensino de Biologia (REnBio). Este espaço é crucial para a discussão de problemas, expectativas comuns, políticas públicas de âmbito local, regional ou nacional, novas e interessantes linhas de pesquisa.

A continuidade da realização dos EREBIOs é, para nós, uma exigência e uma necessidade. O processo de organização do evento poderia contar com encontros preparatórios menores e mais localizados em cada um dos Estados, ou mesmo em regiões específicas de cada um, o que concorreria também para a formação continuada dos participantes. Esperamos que nosso trabalho para e nos eventos, mesmo que muitas vezes anacrônico e artesanal, tenha contribuído para este aspecto do desenvolvimento da área de Ensino de Biologia, na Região Sul do Brasil.

Julgamos que os eventos nacionais devem ter seguimento e vida longa, apesar das crescentes dificuldades e custos de organização. Nos últimos dois anos, em razão da pandemia de Covid-19, vimos o quão fundamental foram os eventos *on-line* para que continuássemos a ser os seres sociais que somos; no entanto, e até por causa desta experiência, tivemos a certeza de que não conseguimos viver muito tempo sem a presença, sem o encontro físico, sem os abraços e o olho no olho sem a barreira da tela. Desta forma, há que se reinventar possibilidades organizativas, temporais e orçamentárias para que prossigamos a nos encontrar presencialmente em nossos ENEBIOs.

Por fim, a lastimável situação do país, nos últimos seis anos, tem provocado e demandado das instâncias democráticas resistências e manifestações. A SBEnBio tem se pronunciado de forma constante, competente, oportuna e corajosa. Lamentamos que tanto tempo e esforço tenha que ser utilizado para evitar retrocessos e perdas irreparáveis do que já havia sido conquistado. Por outro lado, vemos que as provocações enfrentadas pela Associação exigiram e exigem a proposição de ações de engajamento de docentes da educação básica e superior da área de Ensino de Biologia e de Ciências, envolvendo estes participantes em debates atuais de políticas públicas nacionais e internacionais, bem como de temas urgentes da educação em Ciências.



## Referências

- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases para o ensino de primeiro e segundo graus**. 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 5 maio 2022.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 26 abr. 2022.
- MOHR, Adriana. **Memorial de atividades acadêmicas**. 221p. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019. Disponível em: [https://www.academia.edu/41255541/Memorial\\_de\\_Atividades\\_Acad%C3%AAmicas](https://www.academia.edu/41255541/Memorial_de_Atividades_Acad%C3%AAmicas). Acesso em: 4 maio 2022.
- PARANÁ. **Currículo básico para a escola pública**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1990.
- PARANÁ. **Coleção Cadernos do Ensino Fundamental (1-5)**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Edição comemorativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SBENBIO. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA. **Associação Brasileira de Ensino de Biologia**. Disponível em: <https://www.sbenbio.org.br>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- SBENBIO-SUL. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL. **EREBIOs**. Disponível em: <https://www.sbenbio3.ufsc.br/wp/erebio>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- SBENBIO-SUL. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE BIOLOGIA – REGIONAL SUL. **Carta das Missões**. Ijuí: III Erebio Sul, 2008. Disponível em: <https://www.sbenbio3.ufsc.br/CartadasMissoes2008.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.
- SELLES, Sandra Escovedo. Apresentação. **Revista da SBEnBIO**, 1, agosto 2007. Disponível em [https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/edicoes/revista\\_sbenbio\\_n1.pdf](https://sbenbio.org.br/wp-content/uploads/edicoes/revista_sbenbio_n1.pdf). Acesso em: 04 abr. 2022.
- VON TROTТА, Margarethe. **Die Bleierne Zeit** (Os anos de chumbo). Berlim: Bioskop Film, 1981.

Recebido em junho de 2022.  
Aprovado em julho de 2022.

Revisão gramatical realizada por: Rosemeri Lazzari  
E-mail: [rose.lazzari71@gmail.com](mailto:rose.lazzari71@gmail.com)

